

Jazz

4 de junho 2012

Ciclo "Isto é Jazz?"

Comissário: Pedro Costa

MALUS

Wooley / Antunes / Corsano

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Trompete Nate Wooley Contrabaixo Hugo Antunes Bateria Chris Corsano

Avião a levantar voo

Os estudos musicais levaram o contrabaixista Hugo Antunes a sair de Portugal, e tudo indica que de vez. Começou por tirar uma licenciatura no Conservatório Real de Bruxelas, seguindo-se o aprofundamento da aprendizagem do seu instrumento em Amesterdão. Voltou depois à Bélgica para aí fixar residência: deste país europeu de localização central mais facilmente pode sair em qualquer direção para tocar, seja à frente dos seus próprios combos, seja enquanto *sideman* convidado.

O certo é que as coisas lhe têm corrido de feição. O compositor e guitarrista norte-americano Scott Fields, radicado na Alemanha, integrou-o no seu Freetet. Foi buscá-lo o maioritariamente holandês Sun Seven, grupo que interpreta a música de Sun Ra com nomes de primeiro plano como Paul Lovens, Joost Buis, Tobias Delius e André Goodbeek. Está no trio Cornettada, juntamente com outro português emigrado, o bate-

rista João Lobo, e com o pianista italiano Giovanni di Domenico, dedicado à interpretação de temas de Ornette Coleman e de originais que apliquem o método harmolódico deste lendário saxofonista. Lídera o projeto Roll Call, que tem a particularidade de incluir dois saxofones (Daniele Martini e Toine Thys) e duas baterias (Lobo novamente e Marek Patman). Encontramos Antunes ainda nos Velkro do norueguês Stephan Meidell, ao lado de Bostjan Simon e Luís Candeias, outro lusitano que vem tentando a sua sorte além-fronteiras.

A esta lista acrescenta-se agora o que podemos designar como uma superbanda, dada a relevância internacional dos companheiros de Antunes: Nate Wooley e Chris Corsano, ambos colocados no topo das listas dos grandes mestres atuais nos seus respetivos instrumentos. Nenhum deles é estranho ao público português, seja porque cá atuam com alguma frequência ou porque estabeleceram ligações com músicos locais nas áreas do jazz, da música improvisada e do experimentalismo.

O trompetista é o convidado do Red Trio no recém-editado CD do grupo lisboeta, *Stem*, e o baterista formou com David Maranha, Manuel Mota e Margarida Garcia o quarteto Syracuse Ear.

MALUS se chama este novo empreendimento imaginado por Hugo Antunes: «Propomo-nos explorar a um nível electroacústico aquela que é a maior característica comum aos três membros: o gosto pela improvisação livre.»

O percurso do contrabaixista foi gradualmente desembocando nas chamadas “vanguardas”, e mesmo quando existe uma partitura esta é concebida para suscitar o improviso. «O mais importante para mim é o momento musical em si, não outros fenómenos que estejam direta ou indiretamente envolvidos no processo criativo, como o tipo de formação ou o tipo de escrita. A música composta e a livre-improvisação estão juntas desde sempre, são inseparáveis. Todos os compositores são improvisadores e todos os improvisadores são compositores», considera Antunes. «É tendo isso em mente que procuro manter-me coerente e consistente, focando toda a minha energia na partilha musical e na construção de algo que tenha verdadeiro valor artístico. Julgo que é essa minha entrega, essa minha incessante procura, que me leva a ser chamado para projetos nas mais diversas áreas.»

Hugo Antunes está consciente de que muitas das oportunidades que tem tido não ocorreriam se continuasse a viver no seu país, mas não tem grandes ilusões: «O jazz em Portugal não é

diferente do que se observa em muitos outros lugares, ou seja, não é, nem nunca será, um fenómeno de massas, tanto para o mal como para o bem. Não me parece, sequer, que exista uma “cena europeia”. O que observo, isso sim, é que aos vários pontos geográficos correspondem abordagens diversas. Em Portugal parece existir uma afinidade maior com o que se faz nos Estados Unidos, o que, em alguns dos países do Norte da Europa, não acontece. Talvez porque aí se desenvolva uma política “anti-imperialista”, de incentivo à edificação de uma identidade própria.»

Sem dúvida que há cenas musicais muito distintas no Velho Continente, mas não são estanques. Argumenta Antunes: «Veja-se o caso da Polónia, onde ao longo dos últimos 40 anos se conseguiu encontrar uma “pronúncia” muito própria, única mesmo. A Noruega é outro exemplo notório, pois aí os músicos exploram o som pelo som, com muita energia e sem barroquismos. A Inglaterra também produziu uma cena de música improvisada muito especial, muito específica, talvez tirando partido da sua insularidade. Seja como for, têm tido uma influência transversal em outras práticas.»

Neste contexto, «a grande vantagem de se estudar no estrangeiro prende-se com o facto de podermos viver situações às quais não estaríamos expostos caso não saíssemos de casa». «Acredito que uma boa parte daquilo que somos, daquilo que nos diferencia, provém do que vivemos. Quanto mais viajarmos mais poderemos ver e mais teremos para contar. Fernando Pessoa

contrariou este silogismo ao escrever que viajou muito, mas sempre olhando o Tejo. Eu saí, outros ficaram, e é só isto, na realidade, o que nos distingue e nos torna especiais», continua.

Na sua opinião, o ensino da música pouco contribui para este engrandecimento pessoal: «Nem as metodologias utilizadas nem os professores influenciam mais a nossa arte do que o meio artístico em que nos inserimos. Muitas vezes, de resto, o que as escolas fazem é “matar” os músicos na sua tentativa de os formatar. Ora, não podemos deixar que nos tornem estéreis.» Hugo Antunes nunca será, pois, um “académico”...

A Bélgica não é propriamente conhecida por ser um viveiro de músicos ou por ter uma atividade artística agitada, mas é uma boa plataforma de base para um jovem com ambições. «Quando me perguntam como é que consigo viver em Bruxelas, com o péssimo clima que dizem aqui fazer-se sentir, o que respondo é isto: “Se eu reparar que chove sem parar há três dias é porque não estou a trabalhar o suficiente, pelo que na semana seguinte fecho-me no quarto a praticar”», comenta a propósito. Aliás, o cordofone que escolheu é bastante exigente: «Tem as suas dificuldades técnicas e físicas, mas ultrapassadas estas apresenta um enorme potencial. Daria mesmo que é inesgotável, tendo em conta a sua evolução nos últimos séculos. O contrabaixo surgiu na minha vida ao mesmo tempo que a paixão pelo jazz. Adoro todos os contrabaixistas da história desta música; ouço em cada um deles algo de especial.»

Esta não é a primeira vez que o trio MALUS pisa o palco, mas trata-se de uma aventura estreada recentemente, o que significa que tem possibilidades musicais ainda por desvelar: «Comecei por contactar o Wooley e logo conseguimos uma fantástica empatia. O Corsano chegou depois e o que resultou da colaboração a três convenceu-nos de que este era, necessariamente, um projeto a continuar. Não me espanta, pois eles são dos melhores improvisadores presente-mente em rodagem. Antes de chegarmos a Portugal, nesta segunda investida MALUS atuaremos no De Singer, em Bruges, na Bélgica, e faremos uma gravação na sala da W.E.R.F. A caminho da Culturgest passaremos pelo Porto, a fim de participarmos no Serralves em Festa 2012, e por cá ouviremos os registos que se fizerem, após o que decidiremos a que editora devemos apresentá-los para sair um disco.»

Se a aposta de Hugo Antunes nos MALUS é forte, não a tem como exclusiva. Depois da boa receção de Cornettada na última edição da Festa do Jazz, o trio irá para estúdio. Velkro terá um sucessor para o álbum *The Future of the Past* e estrear-se-ão em CD outros dois novos grupos, LH8 Camera, coletivo de rock improvisado que inclui membros da banda belga de culto Deus, e Mount Meru, sexteto que casa a escrita de canções com a liberdade de tocar. Roll Call ficará, por enquanto, em banho-maria, mas na calha está um duo com o trompetista Laurent Blondiau.

Lá mais para o fim do ano Antunes irá até Nova Iorque, para averiguar o que é lá possível fazer. Diz ele: «Sem apoios

institucionais, sem agentes nem editoras por detrás que me deem um empurrão, sem dinheiro no bolso, mas decerto que contando com a ajuda de alguns amigos que tenho na cidade, entre músicos e produtores que veem em mim algo que outros não viram.»

Precedê-lo-á, inevitavelmente, a justa fama conquistada com os seus cúmplices americanos, Wooley e Corsano. As biografias destes constituem um bom indício do mundo que se poderá abrir ao português em mais esta viagem: o trompetista já trabalhou com gente como Anthony Braxton, John Zorn, Fred Frith, C. Spencer Yeh, Peter Evans e Mary Halvorson e o baterista com Paul Flaherty, Evan Parker, Zeena Parkins, Nels Cline, Thurston Moore, Ben Chasny e Jim O'Rourke. Temos avião a levantar voo...

Rui Eduardo Paes
(crítico de música, ensaísta,
editor da revista *jazz.pt*)

Hugo Antunes

Improvisador emergente na cena mundial, o contrabaixista português Hugo Antunes desenvolve trabalho participando em projetos do *avant garde* ao *mainstream* como: Scott Fields freetet, Velkro, Roll Call 5tet, Benny Lackner trio, Sun Ra special, Les Cornets, partilhando palcos pelo mundo fora com Nate Wooley, Paul Lovens, Gary Smulyan, Michael Attias, Laurent Blondiau (Maakspirit) e Tobias Delius, entre muitos outros.

O seu álbum de estreia enquanto líder, *Roll Call* (clean feed), foi acolhido com muito entusiasmo pela crítica

internacional: “(...) he pulls strings like a young Charles Mingus(...)”, in *Burning Ambulance*.

Nate Wooley

Filho de um saxofonista com percurso em *big bands*, Nate Wooley começou a tocar profissionalmente aos 13 anos de idade em Clatskanie, no Oregon. Fez a sua formação com Ron Miles, Art Lande, Fred Hess e Jack Wright. Mudou-se para Nova Iorque em 2001 e, desde então, tem colaborado com músicos como John Zorn, Anthony Braxton, Fred Frith, C Spencer Yeh e Mary Halvorson, entre muitos outros. É considerado um dos grandes revolucionários do trompete, ao lado de Greg Kelley, Axel Dorner, Peter Evans (com quem mantém um duo) e Franz Hautzinger. Lidera o trio Blue Collar e integra o Daniel Levin Quintet.

Chris Corsano

Apontado como um dos grandes bateristas da atualidade, independentemente do género musical, Chris Corsano vem desenvolvendo atividade nos meios da música livremente improvisada, associando-se a músicos como Evan Parker e Akira Sakata, e nos do rock psicadélico e experimental com os grupos Six Organs of Admittance, Vibracathedral Orchestra e Rangda, tocando ainda regularmente com Paul Flaherty e a cantora pop Björk. Natural de New Jersey, fez os seus estudos no Hampshire College, em Amherst, Massachussets. Thurston Moore, Kim Gordon, Jim O'Rourke e Zeena Parkins são outros dos seus muitos parceiros.



Culturgest, Espaço CarbonoZero

A compensação das emissões de carbono decorrentes da utilização dos espaços da Culturgest, localizados no Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos, está integrada na estratégia do Grupo para o combate às alterações climáticas. Esta iniciativa enquadra-se num conjunto mais alargado de ações, que vão desde a inventariação das emissões associadas ao consumo de energia e ao tratamento dos resíduos produzidos nas instalações, à implementação de medidas de eficiência energética para redução das emissões. Com efeito, tem-se vindo a assistir a uma redução das emissões de carbono observando-se um decréscimo progressivo de cerca de 35% face a 2008. Esta é uma redução com tendência a acentuar-se com a implementação de um conjunto de medidas adicionais, estando prevista

uma redução total de 16 500 kWh/ano, o equivalente a cerca de 220 viagens de carro Lisboa-Porto.

Apesar de contribuírem para a redução das emissões de carbono, estas ações não são suficientes para evitar por completo estas emissões. Assim, as restantes emissões são compensadas através da aquisição de créditos de carbono provenientes de um projeto tecnológico localizado no Brasil e que cumpre os requisitos Voluntary Carbon Standard (VCS). A compensação das emissões inevitáveis da Culturgest constitui, assim, uma internalização da variável carbono decorrente da utilização dos seus espaços e contribui, igualmente, para a meta de neutralidade carbónica expressa no Programa Caixa Carbono Zero.

Mais informações em:
[www.cgd.pt/Institucional/
Caixa-Carbono-Zero](http://www.cgd.pt/Institucional/ Caixa-Carbono-Zero)



Próximo espetáculo

En Attendant

de Rosas / Anne Teresa
De Keersmaeker
Espetáculo integrado
no alkantara festival

Dança Ter 5, qua 6 junho
Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h35 · M12



© Anne Van Aerschot

Coreografia Anne Teresa De Keersmaeker
Criado e dançado por Bostjan Antoncic, Carlos Garbin, Cynthia Loemij, Mark Lorimer, Mikael Marklund, Chrysa Parkinson, Sandy Williams, Sue-Yeon Youn **Música** Ars Subtilior **Músicos** Bart Coen, Birgit Goris, Olalla Alemán, Michael Schmid **Cenografia** Michel François **Figurinos** Anne-Catherine Kunz **Produção** Rosas **Coprodução** Munt/La Monnaie (Bruxelas), Festival Grec (Barcelona), Grand Théâtre de Luxembourg, Théâtre de la Ville (Paris), Festival d'Avignon, Concertgebouw Brugge

En Attendant é uma criação de 2010, estreada no Festival d'Avignon, no Clôître des Célestins.

O ponto de partida de *En Attendant* é a Ars Subtilior, uma forma complexa e altamente refinada de música polifónica do século XIV. A dança controlada e ondulante de *En Attendant* evoca e

homenageia de forma muito bela a natureza pura mas estratificada da música e a dissonância e contrastes pouco comuns que a caracterizam. Diferentes constelações de corpos vão-se desenvolvendo no espaço e no tempo. Os bailarinos esperam à volta do palco vazio, andam, dançam para o centro e para fora do centro. As delicadas transformações da música são espelhadas não apenas pela subtileza e precisão da coreografia mas também pelas mudanças que o espaço físico despojado vai sofrendo. A poeira sob os pés dos bailarinos espalha-se gradualmente por todo o palco, cola-se aos corpos dos *performers*, é transportada nas correntes de ar provocadas pelos seus movimentos, pela sua respiração. À medida que a escuridão começa a envolver o palco, os corpos dos bailarinos vão-se tornando meras silhuetas, sombras, anunciando o desaparecimento.

Conselho de Administração

Presidente

Fernando Faria de Oliveira

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Luísa Fonseca estagiária

M^ª Rita Martins estagiária

Marta Ochôa estagiária

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Leonor Guerra estagiária

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Maria Teixeira estagiária

Inês Raimundo estagiária

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

Ricardo Guerreiro

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

Alcino Ferreira

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt - www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
